



EDUCAÇÃO NA MELHOR IDADE

Sônia Regina Rodrigues*

Roberto Alves de Arruda**

RESUMO

O aluno da Educação de Jovens e Adultos é formado por idosos que geralmente não tiveram oportunidades na época certa. O resgate da história de vida de cada aluno juntamente com o estudo de caso orientou à formulação de conteúdos a serem trabalhados. As análises das entrevistadas revelam que os objetivos dos adultos não eram para o mercado de trabalho, mas aprender a ler e a escrever para melhorar sua vida cotidiana. Por essa razão o uso de propostas pedagógicas e metodologias diferenciadas são tão necessários e urgentes para sensibilizar esse público de alunos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Aluno. Idosos. Estudo de Caso.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como temática o estudo sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A educação no Brasil padece de outros entraves, que por vezes, asseveram as condições sociais e avolumam as desigualdades e a condição de classe social, o analfabetismo atinge pessoas de todas as idades, mas a maior concentração está na população acima de 60 anos, onde cerca de 30% não sabem ler ou escrever.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 37º § 1º diz:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais

* Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT - Campus Universitário de Sinop.

** Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor concursado em Metodologia do Ensino, do Campus Universitário de Sinop.

apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

No entanto, o amparo na legislação sobre a Educação de Jovens e Adultos, tem maior proeminência na legislação a partir da Constituição Federal de 1988, cujo marco legal definiu a responsabilidade do estado com as políticas públicas e a proteção do social. Nesse sentido evidências a partir dessas leis consideram que não existem diferenças entre um adulto que se encaixa entre os 25 ou 30 anos, de um idoso que tem entre 50 ou 60 anos. O idoso compõe a categoria dos adultos. Na LDB não cita em momento algum sobre a velhice, ignorando-a completamente, um descaso total.

Desta forma a pesquisa buscou entender os motivos que realmente afastaram esses idosos da escola. Entender porque existem preconceitos em relação ao envelhecimento, inclusive nas instituições e não tiveram oportunidades na época certa, ou muitas vezes foram marginalizados nos aspectos socioeconômicos, culturais, políticos e educacionais. Em algum momento de suas vidas foram afastados das escolas por essas esferas. Ou ainda, por ter seu ingresso prematuro no mercado de trabalho.

Essas questões abrem o debate sobre a educação para idosos. Ganham sentido na medida da compreensão enquanto categorias de análise que suscita uma nova compreensão geralmente ancorada nos pressupostos da Educação de Jovens e Adultos, práticas orientadas pela política educacional, manifesta nas Diretrizes Curriculares Estaduais para Educação de Jovens e Adultos (SEDUC, 2004).

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Dentre as considerações a serem discutidas neste trabalho, destaca-se o processo histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Quando olhamos para o passado, podemos perceber o quanto é necessário conhecer a História da Educação no Brasil para que possamos viver o presente com um olhar no futuro. Tendo esse olhar, podemos compreender todo o processo histórico da educação de jovens e adultos e talvez soubermos como lidar com essa herança histórica, que tanto nos intriga e nos instiga a querer uma qualidade melhor na educação.

Ao final da década de 50 e início da década de 60, a sociedade civil mobiliza-se em torno das reformas de base, o que contribuiu para as mudanças das iniciativas públicas de educação de adultos. A educação teve uma grande contribuição de Paulo Freire, consolidando uma nova pedagogia à alfabetização de adultos. Surgiu um novo paradigma pedagógico, um

novo entendimento da relação entre a problemática educacional e social. O analfabetismo antes visto como causa da pobreza e da marginalização passou então a ser interpretado como efeito da pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária (SOARES, 1996).

Nos anos 90, a EJA passou a ser uma política de metodologias criativas, com a universalização do ensino fundamental de qualidade. Em nível internacional, houve um crescimento da grande importância da EJA para o fortalecimento da cidadania e da formação cultural da população, devido às conferências organizadas pela UNESCO, criada pela ONU com a responsabilidade de incrementar a educação nos países em desenvolvimento. Foram organizados Fóruns Estaduais de EJA, que vem se expandindo em todo o país, estando presentes, atualmente, em todos os estados brasileiros, com exceção de Roraima.

No Art. 16 da Resolução 180 (2000, p. 08), as Unidades escolares de Educação de Jovens e Adultos devem criar condições para que o aluno possa aprender em níveis crescentes e se apropriar do mundo do fazer, do conhecer, do agir e do conviver. É necessário levar em conta, a formação adequada de professores, processos pedagógicos adequados, carga horária conveniente, avaliação contínua e formas de socialização dos alunos e professores.

Na resolução 180, Art. 1º (2000, p. 01):

A Educação de Jovens e Adultos, modalidade da Educação Básica, constitui-se no Sistema Estadual de Ensino oferta de educação regular, com características adequadas às necessidades e disponibilidades dos Jovens e Adultos que não tiveram acesso à escolarização na idade própria ou cujos estudos não tiveram continuidade nas etapas de ensino fundamental e médio, sendo regulamentada para o Sistema Estadual de Ensino pela presente Resolução.

Envelhecer é um processo muito complexo no que se refere ao psicológico, biológico e social da pessoa. Nessa fase da vida o corpo é mais frágil, sua capacidade de fazer certas atividades é limitada, mas isso não anula sua vontade de querer aprender, de ser inserido na sociedade novamente. No Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) há uma junção, que é vista como título do Capítulo V, que a educação, o lazer, a cultura e o esporte são resumidos num único direito. Esse direito a educação em meio a outros direitos, parece ocultar a efetividade no que diz respeito às conquistas no âmbito educacional, escrita no Estatuto. Se o idoso não tem acesso aos programas de alfabetização pouco saberá fazer uso de seu direito ao lazer, cultura e até mesmo no esporte.

O art.21 é bastante ilustrativo:

O poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.§1º - Os recursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às

técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna. §2º - Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais (BRASIL, 2003, p. 05).

Porém, o Estatuto no que se refere à educação, não trata o problema mais urgente que envolve a educação dos idosos: o analfabetismo. As leis apresentadas no Estatuto possuem caráter superficial, não significando nenhuma conquista efetiva para a maioria da população. Lembrando que nas LDB's, não há um tratamento específico quanto à educação para os idosos.

Considera idosa a população de mais de 60 anos. Mas por que 60 anos? Porque é em torno dessa idade que se acentuam transformações biológicas típicas da terceira fase da vida. É também nesse momento que acontece o desengajamento do mundo do trabalho, ou seja, a aposentadoria, e também o descompromisso com alguns papéis tradicionais da vida adulta, como por exemplo, aqueles decorrentes da emancipação dos filhos (MASCARO, 2004, p. 41-42).

O analfabetismo é um dos casos mais graves de exclusão educacional e social. E os analfabetos são, em essência, esses excluídos. Um dos maiores problemas é que não verificamos a existência de políticas públicas de educação voltadas às parcelas da população que mais necessitam. Há escolas destinadas às crianças, aos jovens e, até mesmo, aos adultos trabalhadores (da indústria), como a EJA. Mas, por outro lado, não há escolas destinadas especificamente aos idosos (PERES, 2005).

Sabemos que hoje a EJA tem que adequar currículos e as metodologias que tratam diretamente do idoso, seu direito à educação, seguir as recomendações do MEC expressas nas Diretriz Curriculares Nacionais e inserir conteúdos que estudam o envelhecimento em todos os níveis de ensino.

Quando falamos em letramento no Brasil, Magda Soares nos remete que não basta possuir conhecimentos que permitam a codificação e a decodificação do texto escrito, ao que vemos na alfabetização. Importante é adquirir habilidade de fazer sentido o texto, dando-lhes hipóteses e a interação do sujeito com o texto, fazendo uso social das capacidades da leitura e da escrita.

Não basta apenas saber ler e escrever. A nova realidade social faz com que o indivíduo use sua alfabetização, sua capacidade de ler, para ele mesmo inserir-se na sociedade. É o que defende Soares (2003, p. 132):

Quando a mudança na leitura na maneira de considerar o significado do acesso à leitura e à escrita em nosso país – da mera aquisição da “tecnologia” do ler e do

escrever à inserção nas práticas sociais de leitura e escrita de que resultou o aparecimento do termo letramento ao lado do termo alfabetização – um fato que sinaliza bem essa mudança, embora de maneira tímida é a alteração do critério utilizado pelo Censo para verificar o número de analfabetos o indivíduo incapaz de escrever o próprio nome; nas últimas décadas é a resposta à pergunta “sabe ler e escrever um bilhete simples?” que define se o indivíduo é analfabeto ou alfabetizado. Ou seja, da verificação de apenas uma habilidade de codificar o próprio nome passou-se à verificação de capacidade de usar a leitura e a escrita para uma prática social (ler e escrever um bilhete simples). Embora essa prática seja ainda bastante limitada, já se evidencia a busca de um “estado ou condição de quem sabe ler e escrever”, mas que a verificação da simples presença da habilidade de codificar em língua escrita, isto é, já se evidenciou a tentativa de avaliação do nível de letramento [...].

O processo de alfabetização e letramento vai muito além de saber ler e escrever. É dever de o professor inserir seus alunos nesse mundo ‘mágico’, fazendo com que eles compreendam o que lêem e escrevem e provocar uma discussão de modo interpretativo, interagindo com professor, construindo seu raciocínio.

3 METODOLOGIA

Pesquisa com abordagem qualitativa, tendo por viés a orientação material dialética de onde se apreende o objeto pesquisado a partir da realidade material concreta, desse contexto emergem os sujeitos pesquisados em dada realidade sociais. Nesse sentido a pesquisa ganha intensidade considerando os elementos constitutivos das relações materiais que definem as ações e políticas voltadas para atendimento ao idoso. Muito embora as intenções políticas possam ser transformadas em ações por meio de projetos e metas os sujeitos se vêem a margem de uma política com intenções focalizadas.

A partir dessa lógica compreensiva utilizou-se da técnica de entrevista semi-estruturada e história oral com um grupo de seis sujeitos e seus respectivos professores na Escola Municipal Básica Cristina de Sena, na cidade de Sinop/MT, com a intenção de identificar os procedimentos metodológicos utilizados pelos professores na aprendizagem desses sujeitos.

Segundo Trivínos (1987, p. 130), afirma que:

Uma das grandes postulações da pesquisa qualitativa é a sua atenção preferencial pelos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas. No positivismo, eles foram considerados ou como óbvios ou não investigáveis. O enfoque fenomenológico privilegiou esta análise porque considerou que os sujeitos davam aos fenômenos dependiam essencialmente dos pressupostos culturais próprios do meio que alimentavam sua existência. Por isso, os investigadores dessa corrente aprofundaram, especialmente através da entrevista semi-estruturada e da observação livre (daqui os nomes da pesquisa qualitativa, de “entrevista

aprofundada” de “observação qualitativa”), o estudo do que pensavam os sujeitos sobre suas experiências, sua vida, seus projetos.

Nesse sentido a pesquisa foi realizada com o sujeito-aluno da EJA da Educação Básica. Conhecer e analisar suas dificuldades. Momento esse em que a escola e professores têm a preocupação maior em ampliar as competências visando atender as necessidades dos idosos. Oferecendo uma educação de qualidade, e essa qualidade exige profissionais competentes, comprometidos, inovação pedagógica, respeitando sua história de vida, seus conceitos e seus valores e isso foi observado e constatado.

4 A PESQUISA: uma avaliação

A análise dos dados foi coletados com os estudantes da melhor idade na E.M.E.B. Professora Ana Cristina de Sena, onde foi aplicado o questionário. Foram perguntas voltadas para o tema em questão, sendo que todas, responderam de acordo com a sua realidade passada e atual, sendo como sujeitos da pesquisa, pessoas do sexo feminino.

Como já havia sido proposta desde o início desse trabalho, a pesquisa foi desenvolvida e aplicada através de um questionário com 06 questões abertas, sendo designado para 06 alunas da EJA da Educação Básica (1º ciclo) no turno matutino. Ressalta-se a presença feminina na sala de aula, considerando a disponibilidade aos estudos dessas mulheres. O questionário foi respondido oralmente, tendo em vista que tais alunas, na sua maioria, não estavam alfabetizadas. Nesse sentido a pesquisadora manteve um diálogo muito próximo com os sujeitos da pesquisa, diálogo que proporcionou apreensão do campo empírico possibilitando a construção de narrativas a partir da história oral de cada pesquisada, e análise das mesmas à luz dos pressupostos teóricos. Foram três dias (08, 09 e 10 de julho de 2013) observando o processo diário da professora com seus alunos e dois dias entrevistando as alunas e a professora regente (11 e 12 de julho de 2013). Os nomes reais foram substituídos por nomes de flores, assim protegendo suas identidades. De acordo com Cunha (2001, p. 28), permite que:

Avaliamos que a história oral, a partir do viés da história de vida, representa uma metodologia fundamental na apreensão dos movimentos sociais, das relações sociais e dos processos institucionais. Através da história de vida, como uma modalidade da história oral, pode-se compreender o conjunto de vida dos indivíduos, recorrendo as suas trajetórias de vida.

As questões foram elaboradas de acordo com o tema da pesquisa, onde se buscava saber a razão que essas alunas tinham para voltar à escola depois de muitos anos. Foi voltada

para uma faixa etária de 55 anos acima. Em primeiro foi perguntados a elas, o que motivou a começar a estudar, todas responderam que não sabiam ler, tinham vontade de aprender, mas ninguém as ensinava. Quando crianças frequentaram pouco a escola e outras nem chegaram a ir à escola por impedimento do pai.

Relatam que anos atrás, na década de 40, 50 e 60, foram anos difíceis, onde os pais não mandavam os filhos pras escolas, principalmente as meninas. As crianças tinham que trabalhar na roça, cuidar da casa e dos irmãos. Desta forma algumas crianças até iam para as escolas por pouco tempo, pois tinham que sair quando necessário para trabalhar e ajudar os pais. O fator que pesou muito na educação naqueles anos foi à pobreza, a grande maioria das famílias eram muitos pobres e com muitos filhos, desta forma, não tinha condições para manter o filho na escola. A profissão e empregos dos pais consistiam em trabalhar na roça, nas lavouras e muitas vezes moravam no meio do mato, longe de tudo.

A esse respeito da vivência dos idosos, argumentam que:

O idoso apresenta necessidades e vivências diferentes daquelas típicas do jovem e do adulto. Portanto, cremos que a escola como mediadora do conhecimento formal precisa reconhecer, de forma consciente, as limitações de cada sujeito idoso, sem com isso estagnar-se frente às mudanças que se fizerem necessárias (SILVA; TAAM, 2009, p. 10).

Quando perguntadas se as suas famílias as incentivavam de alguma forma a estudar, todas disseram que não, pois seus pais não haviam estudado. Nesse sentido, argumentam que pais e mães sem estudo algum poderiam conhecer só o necessário que aprendera com a vida. Sem noção de estudo, não tinham como passar para os filhos a importância do mesmo, que ele poderia ser um forte aliado para um futuro melhor.

Percebe-se nas entrevistas, que naquela época mesmo sem poder estudar, as alunas sabiam da importância dos estudos e do tempo que perderam. Algumas das alunas entrevistadas, disseram que tentavam ler e escrever quando seus pais não estavam por perto, tinham até um quadro negro escondido.

Quando questionadas se em algum momento tiveram medo e vontade de desistir, a maioria respondeu que nos primeiros dias de aulas, quando a professora passava as lições no quadro, o medo de não conseguir e a vergonha foi um grande empecilho que pesou muito, mas a vontade de aprender venceu as barreiras e hoje já não sabem mais ficar sem ir pra escola.

O ato de alfabetizar ultrapassa o simples ler e escrever; visa a comunicação e ação na sociedade e conduz a diferentes práticas sociais, imprimindo novas relações, conhecimentos, formas de linguagem e bens culturais. O idoso aprendiz é ativo no

processo de alfabetização, elaborando e verificando hipóteses sobre o sistema alfabético, mediante as suas experiências pessoais, a interação com seus pares, os mediadores culturais e a mediação do professor (SILVA; TAAM 2009, p. 05).

As mudanças são essenciais para todas as pessoas sem diferenciar idade, todos necessitam de apoio escolar. Ainda são poucas as unidades de ensino que oferecem educação para a melhor idade, muitas vezes por não possuir local e até mesmo não terem professores qualificados para esta educação diferenciada. A maior dificuldade que as pessoas pesquisadas diziam ter é acompanhar adolescentes e jovens adultos, pois seu aprendizado é lento, demorado e esse é o motivo de maior evasão escolar na EJA, e não conseguir acompanhar seus colegas mais novos os desestimula, considerando-se incapazes. Nessa hora a professora tem que usar as mais diversas metodologias e recursos para não deixar esses alunos desistirem.

A dificuldade enfrentada pela professora na hora de alfabetizar uma pessoa idosa, é a baixa autoestima que algumas possuem, fazendo com que elas não consigam aprender e desistem das aulas e por se tratar de pessoas idosas a memória de algumas já não funciona tão bem, pois desta forma, a professora ensina hoje e quando volta à aula no próximo dia já não recorda o conteúdo, às vezes não lembra uma parte do que aprendeu e outras não se lembram de quase nada. Nesse momento a paciência é a mais poderosa arma.

De acordo a professora pesquisada o índice de evasão a escola é grande no EJA, pois a pessoa idosa já não possui mais aquela obrigação de estudar, alguns possuem saúde frágil, outros desistem por morar longe e não ter quem os leve a escola. São vários os fatores da evasão escolar, mas o que pesa mesmo é a acomodação, pois alguns se consideram incapazes de aprender, nem ao menos tenta.

5 CONCLUSÃO

Por meio da pesquisa que foi elaborada com os alunos do EJA, ficou claro que o maior empecilho que afastou esses alunos da escola e não os deixou estudar na idade certa foi à condição social e educacional dos pais, em muitos casos por ser pessoas de classe social baixa, sem estudos e por morar em povoados longe de cidades e não haver escolas. Mas agora, de volta a escola, eles estão felizes e contam com o apoio da família e amigos próximos que lhes dão incentivos para continuar.

Nesse contexto, destaca-se que a professora tem uma boa prática pedagógica, e a relação ensino aprendizagem se dá na perspectiva da orientação ao aluno e isso facilita o entendimento e o interesse do aluno de EJA. Da sua prática, observa-se que consegue passar o

conteúdo programado. Apesar da dificuldade de aprendizado dos alunos, produzem e avançam coletivamente, considerando que alguns eram totalmente analfabetos e hoje já sabem ler e escrever de forma que conseguem identificar escritas nas ruas e se localizar. A professora por ter uma paciência em ensinar os alunos aprende rápido o conteúdo, aqueles com mais dificuldade, ela vai até a carteira e ensina individualmente, até ele aprender a lição. Por ser atenciosa com todos seus alunos gostam dela e muitos revelaram nas pesquisas que ainda não desistiram de estudar por gostar muito da professora.

EDUCATION IN THE BEST AGE

ABSTRACT¹

The student of the Adult and Youth Education consists of elders who generally had no opportunities in the right time. The rescue of the life story of each student along with the case study guided the formulation of contents to be worked. The analyses of the interviews indicated that the aims of the adults were not for the labor market, but learn to read and write to improve your everyday life. For this reason the use of pedagogical proposals and differentiated methodologies are so necessary and urgent to educate this audience of students.

Keywords: Adults and Youth Education. Student. Elderly. Case Study.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394/96**. Artigo 37º § 1º de 20/dezembro/1996. Lei de diretrizes e bases da Educação (LDB).

_____. **Estatuto do Idoso**. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/civil_03/leis/2003/L10.741compilado.htm > Acesso em: 20 jun. 2012.

CUNHA, Conceição Maria da. Introdução: discutindo conceitos básicos. In: SALTO PARA O FUTURO: **Educação de jovens e adultos**. SEED-MEC. Brasília, 1999.

MASCARO, Sônia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

¹ Tradução pela professora Bruna Nusa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

MATO GROSSO. RESOLUÇÃO N. 180/2000-CEE/MT. **Fixa normas para a oferta da Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino.** Cuiabá, 05 de setembro de 2000.

PERES, Marcos A.C. **Velhice, trabalho e cidadania:** as políticas da terceira idade e resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da USP, 2007.

SILVA, Maria do Carmo Batista; TAAM, Regina. **O Idoso e os Desafios à sua Educação Escolar.** Universidade Estadual de Maringá 2009.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TRIVINÕS, Augusto N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** A pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.